

A TRADIÇÃO DA UNIVERSIDADE DE ÉVORA NA EXPANSÃO DA LÍNGUA PORTUGUESA

MARIA DO CÉU FONSECA
Universidade de Évora

MARIA JOÃO MARÇALO
Universidade de Évora

1. Introdução

O espaço europeu de ensino e de investigação científica na Universidade de Évora é um facto consumado. Na mesma direcção da internacionalização, os órgãos de governo da Universidade de Évora têm lançado o repto, não apenas da consolidação das relações no seio dos PALOP, mas também do alargamento da cooperação ao espaço asiático das grandes potências – China, Japão e Índia –, que fazem parte da história da Universidade de Évora.

“Abraçarmos este desafio não seria mais do que reatarmos com a tradição orientalista da antiga Universidade de Évora, cujos mestres chegaram ao Japão”, eis o que foi uma proposta do actual Reitor Prof. Doutor Jorge Araújo (*Manifesto eleitoral*, 2005: 43), que a comemoração dos 450 anos da fundação da Universidade de Évora (1559-2009) poderá ajudar a concretizar, se para tanto for posto em relevo o que da sua história lhe confere o papel de interlocutor privilegiado. Nomes e factos dessa história não podem ser vistos apenas como um magno passivo de que se nutrem as efemérides comemorativas. Nomes e factos dessa história ligados à acção missionária da Companhia de Jesus no Oriente e Ocidente, constituem hoje um capital de mais-valias acumuladas de que se pode tirar partido para favorecer parcerias estratégicas bilaterais e a cooperação benéfica na área do ensino.

2. Universidade de Évora e expansão da língua portuguesa

Comece-se pelo princípio, que é o primeiro ciclo de existência da Universidade de Évora, fixado entre 1559 e 1759. Raramente a história se presta a periodizações *a quo / ad quem* tão esquadradas. Fundada em 1559, a Universidade de Évora foi então confiada à Companhia de Jesus (que desde 1553 respondia pelo ensino público da cidade no Colégio do Espírito Santo) e assim se manteve sob tutela jesuítica durante dois séculos, até à expulsão da Companhia pelo Marquês de Pombal, em 1759. Para o assunto em apreço, dois aspectos da vigência destes duzentos anos são de ressaltar, ambos já assinalados por Augusto da Silva, s.j.: o facto de “os estudantes que frequentavam a Universidade de Évora, em princípios do séc. XVII serem, na sua maior parte, naturais de localidades situadas a sul do Tejo”, em conformidade com um argumento de descentralização do ensino que fora aduzido para justificar a criação de uma segunda universidade¹; e o facto de tais estudantes e mestres “em número considerável, terem vindo a ser missionários nas colónias portuguesas” (Silva, 1991: 14), circunstância que já inspirou o estudo do tema “Acção missionária da Universidade de Évora” (António Fernando M. Janela, *Alvoradas*, nº 14-22, 1960/62, p.74).

¹ Entre as “Rezoens q dava o Infante [D. Henrique] pera fundar a Vniversidade”, o Pe. Baltasar Teles refere a de que “muytos do reyno do Algarve, & da Provincia do Alentejo, deyxavam de estudar por lhes ficar Coimbra muy afastada” (1647: II, 336).